



Objetificação e outremização em *Is there nowhere else where we can meet?*, de Nadine Gordimer

Silvio Ruiz Paradiso^{1*} e Thomas Bonnici²

¹Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual de Londrina, Rod. Celso Garcia Cid, PR-445, km 380, Cx. Postal 6001, 86051-990, Londrina, Paraná, Brasil. ²Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

RESUMO. Analisar-se-á no conto *Is there nowhere else where we can meet* (1951), da sul-africana Nadine Gordimer, a construção do colonizado como *outro*, a partir dos pressupostos eurocêntricos. Essa outremização estará intimamente ligada ao processo de objetificação, o qual reduz o sujeito agente colonial a um simples objeto de joguetes do Império Europeu.

Palavras-chave: pós-colonialismo, *apartheid*, literatura inglesa, objetificação.

Objetification and *Othering* in *Is there nowhere else where we can meet?*, by Nadine Gordimer

ABSTRACT. It will be analyzed in the short story *Is there nowhere else where we can meet* (1951), by South African author Nadine Gordimer, the construction of the colonized as an other, from Eurocentric assumptions. This othering, term created by Spivak (1985), it's closely linked to the objectification process which reduces the colonial agent person to a simple European empire's colonial object.

Keywords: postcolonialism, *apartheid*, english literature, objectification.

Introdução

Para a construção da superioridade de uma nação, faz-se necessário a construção de um 'outro' inferior, que chamamos de outremização. Esse termo, cunhado por Gayatri Spivak (1985), descreve o processo de 'transformar' o sujeito colonial em outro, a partir dos pressupostos de superioridade do sujeito metropolitano. A outremização é particularmente muito próxima da objetificação, visto que, segundo Spivak (*apud* ASHCROFT et al., 1998), a criação de outros nada mais é do que a criação de pequenos objetos do/para o imperialismo (ASHCROFT et al., 1998, p.172). Todavia, se a outremização está intimamente ligada à construção da alteridade, hierarquizando as diferenças, construindo a inferioridade do 'outro', a objetificação tira do 'outro' sua agência, sua voz e sua subjetividade, deixando-o literalmente no papel de objeto.

Este jogo de imagens binárias foi a essência da colonização desde seus primórdios e, conseqüentemente, afetou toda visão e construção da imagem do '[O]outro', tanto do colonizador quanto do colonizado (BEERTENS, 2001, p.205).

Neste espaço pós-colonial, através da narrativa produzida no assim chamado 'terceiro mundo', nasce a literatura pós-colonial, que observa e

revela essa vida cultural transformada, então, pelo imperialismo, analisando detalhadamente os encontros e desencontros de seus indivíduos antes e após a independência. Tal atitude gera uma literatura de resistência, de revide e contra-ataque, a qual tenta resgatar forças e ideais perdidos no tempo, sufocados pela violência do 'Outro'/dominante, para que o povo subjugado possa ter consciência de sua identidade e lute contra uma ordem estabelecida pelos representantes da supremacia ocidental, cristã, branca e patriarcal.

Grande parte das narrativas da literatura pós-colonial está construída com base em conceitos de resistência, revide, contra-argumentação, subversão, oposição, entre outros. Além disso, tais textos compreendem assuntos referentes às sociedades que sofreram com o processo da colonização, enaltecendo tópicos como: os dilemas para o desenvolvimento de uma identidade nacional após as regras coloniais; a recuperação da voz e do discurso, além da história dos grupos marginalizados e oprimidos pelo sistema colonial (PARRY, 1987); os modos pelos quais os escritores de países colonizados tentam se articular e, até mesmo, celebrar as suas identidades culturais; a maneira de os colonizados servirem aos interesses dos colonizadores e como este conhecimento de pessoas subjugadas ao poder é produzido e é empregado; o

modo pelo qual a literatura é utilizada para justificar o colonialismo mediante a perpetuação de imagens dos colonizados como inferiores.

O choque inevitável e problemático de variadas culturas em posições opostas e extremas na esfera do poder baseou-se pela imposição de valores imperialistas ocidentais, cujas bases formadoras são trabalhadas e percebidas pela teoria pós-colonial. Tais valores hegemônicos foram lançados ao mar junto com as grandes esquadras europeias. O conto *Is There Nowhere Else We Can Meet*, da sul-africana Nadine Gordimer, revela todos esses valores e ideologias deixados de herança pelo colonialismo na África do Sul.

A África do Sul foi invadida por Bartolomeu Dias que, em 1488, aportou à Ilha Robben, ao largo da futura Cidade do Cabo, na sua abortada viagem para a Índia. A ilha foi, durante muitos anos, utilizada por navegadores portugueses, ingleses e holandeses. Entretanto, em 6 de abril de 1652, Jan Van Riebeeck, da Companhia Holandesa das Índias Orientais, promoveu a sistemática colonização da região com os bôeres (africânderes) e fundou a Cidade do Cabo no extremo sul do continente.

O grandioso império inglês, entretanto, não permitiu o avanço colonial da Holanda e começou a ocupar a Cidade do Cabo em 1795, durante a Guerra Anglo-Holandesa. A instabilidade do governo resultou em pequenas guerras locais, mas o auge da instabilidade foi em 1867 com a descoberta de diamantes e de ouro. Em 1886, devido ao crescimento da riqueza dos colonos, que continuavam a imigrar para a África do Sul, intensificou-se a sujeição dos nativos (WELSH, 1999; THOMPSON, 2001).

Depois de breve período de domínio holandês, entre 1803 e 1806, a cidade tornou-se capital da colônia britânica do Cabo, fazendo com que os bôeres passassem da condição de colonialistas à de colonizados, perdendo o poder e os privilégios que desfrutavam.

Os bôeres e os britânicos se confrontaram nas ‘Guerras dos bôeres’ e perceberam que a nação seria completamente destruída. A derrota militar levou à anexação das antigas repúblicas às terras das colônias britânicas na região e à criação de um novo país, a União da África do Sul, em 1910. No entanto, os africanos (bôeres) permaneceram donos de grande parte das reservas minerais e das terras cultivadas, mantendo intacta sua influência política. ‘Interessados’ nesse apoio, os britânicos aceitaram incluir na Constituição do novo país vários dos itens racistas dos africanos. Depois de anos de negociações, a União Sul-Africana foi criada com o estatuto de Domínio do Império Britânico, e a partir

daí esse estatuto (Constituição) começou a forjar as bases legais para o regime de *Apartheid* – o regime racista de segregação, que é o tema central do conto analisado.

O *Apartheid* foi um regime segundo o qual os brancos detinham o poder e os povos restantes (negros) eram obrigados a viver segregados, de acordo com regras que os impediam de ser sujeitos. Desta forma, tal regime foi o sintetizador de toda a ideologia racial da colonização. A noção de ‘raça’ foi essencial para a ascensão do colonialismo. Afinal, a divisão e aceção de pessoas criam a necessidade de o poder colonialista estabelecer um domínio sobre os classificados como inferiores (ASCHCROFT et al. 1998). Bonnici (1998, p. 14) observa que nas sociedades pós-coloniais “[...] o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador”. É a dicotomia do Sujeito e do Objeto, do ‘Outro’ e do ‘outro’.

O outro e o Outro em *Is there nowhere else where we can meet*

No ano de 1952, ano em que a África do Sul já experimentava o amargo sabor da política segregacionista, Nadine Gordimer lança a coletânea *The Soft Voice of the Serpent and Other stories* e nela apresenta-nos o conto *Is there nowhere else where we can meet?* (1951), que retrata o encontro entre uma jovem branca e um nativo negro, em um bosque em pleno regime de *Apartheid*. Sem dúvida um dos seus contos que melhor sintetiza as relações de alteridade entre brancos e negros na África do Sul.

Em entrevista, Gordimer diz que o título revela a única forma de um encontro entre brancos e negros na política de *Apartheid* – por força: “She is ‘attacked’ by a Black man. That is the point of their meeting; this is the only thing that could bring them together”¹ (GORDIMER apud BAZIN; SEYMOUR, 1990, p. 29). No romance, a construção da imagem do negro e da imagem do branco parte das premissas da construção de ‘outro’ e ‘Outro’ lacaniano, sedimentado na hegemonia eurocêntrica que prega a superioridade frente a outros povos.

O ‘outro’ e ‘Outro’ são dois protagonistas inerentes à situação de dominação e de opressão colonial. Memmi (1977, p. 59) enfatiza que “[...] a situação colonial fabrica colonialistas, como fabrica colonizados”, e adiante observa que ambas as imagens não são inconsequentes, pois ambas são construídas por uma exigência difundida na colônia – para existir o colonizador é necessário existir o

¹Tradução nossa, como nas demais vezes em que a autora e o conto forem citados ao longo desse artigo: “Ela é ‘atacada’ por um homem negro. Este é o ponto de encontro deles; esta é a única maneira que poderia juntá-los.”

colonizado e vice-versa (BHABHA, 1994). É essa construção de ambos os indivíduos que, justamente, problematiza o encontro colonial, ainda mais em uma nação assolada pela diferença racial e pela segregação, como a África do Sul.

O 'outro' é o ser diferente de si, ou seja, é o referencial fora do ambiente daquele que discursa. Tal existência desse ser é importante para a definição de si e a localização de seu lugar no mundo. Entretanto, esse jogo binário do 'eu' e do 'outro' não carrega problema em si, mas sim na forma como é construído. No mundo colonial, o 'outro' (colonizado) é caracterizado através de conceitos como primitivismo e canibalismo, por exemplo, (BONNICI, 2005, p. 45) refletindo uma hierarquização do 'Outro' imperial em detrimento desse 'outro' colonial.

É da centralização do colonizador ou daquele que detém a hegemonia do poder (o branco, o cristão, o rico, etc.) que deriva o deslocamento dos que não estão neste Centro à Margem, e, consequentemente, o papel de 'outro'. Na literatura pós-colonial, esse 'outro', diferente e inferiorizado, é marcado pela marginalização do discurso e pela diferença em relação ao *Outro*, representante do Centro Imperial. Tal construção da alteridade é claramente observada no conto de Gordimer a partir do encontro da inglesa branca e do negro nativo.

O conceito de 'outro'/Outro advém da formação de sujeito de Freud e de Lacan e da filosofia existencialista de Sartre (1997). Este último discursa sobre a construção do ser como sujeito em relação ao outro e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. Através da percepção do próprio ser-objeto para o 'Outro', deve-se compreender a presença do ser-sujeito dele (BONNICI, 2000, p. 17).

Lacan relacionava o 'outro' (*petit autre*) com a criança que se caracteriza como ser, a partir da noção de sua diferença com o pai e a mãe (*grande autre*). Neste expoente paternal, o colonizador/Outro representa simbolicamente a 'lei do pai' lacaniano, ao passo que o colonizado é "[...] o filho do império" assumindo-se como o pequeno 'outro' (BONNICI, 2005, p. 229). Por sua vez, Freud, a partir dos estágios da criança, foca a diferença no estágio do espelho, quando o ser (individual) somente se assume como tal a partir do momento em que 'observa' seus pais como diferentes de si mesmo.

Nesses conceitos, observamos que o sujeito pós-colonial é construído a partir da diferença alheia, dividindo o mundo colonial em dois, como refere Fanon (1968, p. 29). Nesta divisão, o 'Outro' com 'O' maiúsculo representa o poder imperial, o discurso imperial, isto é, o próprio Império

(ASHCROFT et al., 1998, p. 170), ao passo que o 'outro' com 'o' minúsculo metonimiza o colonizado, seu discurso, sua etnia e todo grupo subalterno.

Objetificação em *Is there nowhere else where we can meet* - a alteridade no *Apartheid*

Nesse binarismo 'outro/Outro', presente nas literaturas pós-coloniais, observamos a polarização do nativo negro e da inglesa branca já no próprio título: *Is there nowhere else where we can meet?* (Existe outro lugar onde podemos nos encontrar?). É clara a ênfase espacial no título (*nowhere / where*), justamente a grande problemática na África do Sul sob o regime de segregação do Apartheid. Tal política é representada no conto, especialmente pela oposição de dois mundos – o dos brancos colonizadores e o dos negros nativos. Verley (1998, p. 39) revela que Gordimer apresenta tanto a problemática quanto a tentativa de harmonia racial com a inserção do pronome *We* e o verbo *Can*, no título de seu conto.

Essa tão sonhada harmonia étnica proposta pela autora é observada nos inúmeros trechos que apresentam os tons acinzentados. No primeiro parágrafo, observamos a visão antissegregacionista de Gordimer, quando avalia positivamente a mistura. O termo *grey* (cinza) é citado duas vezes no parágrafo, e é intercalado com a frase "In that *reversal* of the elements that sometimes takes place"² (GORDIMER, 2002, p. 294. Grifo nosso) revelando que a inversão de cores no céu é positiva e inegável. Como se sabe, a cor cinza ou *gris* é a cor intermediária entre o branco e o preto. Entretanto, esta inversão pode ser lida como um *foreshadowing* para o processo de objetificação e outremização mais adiante no conto.

A questão cromática é enfatizada no segundo parágrafo, no trecho "[...] Black and platinum Grass – all merging, tones but *no colour* [...]"³ (GORDIMER, 2002, p. 294. Grifo nosso). No mesmo parágrafo apresenta-se a protagonista, a jovem inglesa sem nome.

A ausência de um nome para o personagem remete-nos a uma anulação identitária desta, compelindo sua individualidade. Nesse caso, a colona sem nome é uma imagem metonímica de todo o império britânico, uma consciência coletiva da mesma forma que o antagonista (negro) é nomeado de nativo apenas. A garota é caracterizada de forma a explicitar sua condição de classe e etnia: "[...] the coat collar pressed rough against her neck and her cheeks were softly cold as if they had been washed in ice water.

²Nesta *reversão* dos elementos que às vezes acontece.

³[...] grama preta e platinada – todas as mesclas, tons, mas sem cor [...]

She breathed gently with the air [...]”⁴ (GORDIMER, 2002, p. 294). O uso do casaco demonstra sua condição de classe superior àquela do nativo, revelado através do contraste com o trecho: “He had only a filthy rag-part of an old shirt”⁵ (GORDIMER, 2002, p. 295). No entanto, o que melhor a caracteriza é sua brancura – uma pele tão alva a ponto de ser sensível ao frio. Tal construção da personagem evidencia uma estratificação social referindo-se a um arranjo hierárquico entre os indivíduos em divisões de poder e riqueza na sociedade sul-africana, no caso. É que a diferenciação hierárquica entre eles segue padrões epidérmicos, base da divisão do regime *Apartheid* (brancos x negros).

A jovem se embrenha nesse bosque, provavelmente, a fim de pegar um atalho. Nas mãos leva sua bolsa e um pacote com compras de mercado – “She changed her bag and parcel from one arm to the other”⁶ (GORDIMER, 2002, p. 294). Em determinado momento vê uma figura e antecipa ao leitor o processo de outremização e objetificação, quando o narrador onisciente, a partir da visão da garota, caracteriza o vulto com o termo *figure* e com os pronomes *it* e *its*:

A long way off she saw a ‘figure’ with something red on *its* head, and she drew from *it* the sense of balance she had felt at the particular placing of the dot of a ‘figure’ in a picture⁷ (GORDIMER, 2002, p. 294).

A tal figura em questão era um nativo (*native*), que é lançado à alteridade já no primeiro contato com a garota. Tanto é que o narrador onisciente entende, através do olhar da protagonista, a figura (o negro) como um objeto com menos valor do que o gorro que usa: “There was a native in a red woollen cap”⁸ (GORDIMER, 2002, p. 294), ou seja, é o nativo que está no gorro, e não o gorro que está nele. Tal assertiva é confirmada no trecho em que o nativo é minimizado no seu próprio gorro de lã vermelho: “Then, the red dot was gone”⁹ (GORDIMER, 2002, p. 294).

Além disso, os pronomes *it* e o possessivo *its* reforçam a caracterização objetificante do indivíduo, visto serem pronomes da língua inglesa, comumente empregados para se referirem a objetos, a coisas, a animais, ao sujeito oculto ou inexistente. A partir

desse processo de objetificação, no qual o indivíduo nativo já é colocado na alteridade, o texto de Gordimer propõe uma leitura acerca do olhar objetificador, isto é, a *gaze* colonial.

Ashcroft et al. (1998, p. 171) observam que o colonizado é continuamente localizado no olhar objetificador (*gaze*) do ‘Outro’ imperial. O ponto de vista europeizado faz do indivíduo um ser distante e pequeno, isto é, seu olhar (metáfora do olhar imperial) é o primeiro artifício de outremização – “A long way off she saw a ‘figure’”¹⁰ (GORDIMER, 2002, p. 294). Desse processo resulta a divisão dos mundos segregados: “She was here: someone was over there”¹¹ (GORDIMER, 2002, p. 294, *itálico* nosso), isto é, a divisão entre ‘outro’ e ‘Outro’, entre ‘Sujeito’ e ‘Objeto’.

[*gaze*] implies a viewer with an elevated vantage point, it suggests the Power to process and understand that which is seen, and it objectifies and interpellates the colonized subject in a way that fixes its identity in relation to the surveyor. The importance of the gaze has been emphasized by Lacan [...] this gaze corresponds to the ‘gaze’ of the *grande-autre* within which the identification, objectification and subjection of the subject are simultaneously enacted: the imperial gaze defines the identity of the subject, objectifies it within the identifying system of power relations and confirms its subalternity and powerlessness.¹² (ASHCROFT et al., 1998, p. 226).

O olhar (*gaze*) é tão focado nesse trecho que o narrador observa que a imagem fria daquela manhã agarrava-se contra os olhos dela, ou seja, seu olhar materializava o abstrato: “[she] felt the morning, palpable, deeply cold and clinging against her eyes”¹³ (GORDIMER, 2002, p. 294).

Na tentativa de mudar de rumo, a jovem se embrenha mais fundo no bosque. Ao passar pela paisagem, remete-se ao memorialismo, quando relembra imagens metonímicas da brancura e da época em que vivia na metrópole: “She remembered hung with bunches of *white* flowers like crystal in the summer”¹⁴ (GORDIMER, 2002, p. 294, grifo nosso). Então, o conto revela seu conflito. Ela se encontra com o vulto observado anteriormente – um nativo: “There was a native in a red woollen cap

⁴ A gola áspera do casaco pressionava contra seu pescoço e suas bochechas levemente frio, como se estivesse sido lavado em água gelada. Ela respirava suavemente o ar.

⁵ Ele tinha apenas um trapo imundo, parte de uma velha camisa.

⁶ Ela trocou seu pacote e bolsa de um braço ao outro.

⁷ Ao longe, ela viu uma ‘figura’ com algo vermelho na cabeça, e isto lhe tirou o senso de equilíbrio, ela percebeu o particular ponto como uma ‘figura’ em um quadro.

⁸ Havia um nativo em uma touca vermelha de lã.

⁹ Então, o ponto vermelho se foi.

¹⁰ Ao longe, ela viu uma ‘figura’.

¹¹ Ela estava aqui e alguém estava lá.

¹² [fitar] implica em um espectador com um ponto de vista elevado; sugere o poder de processar e entender o que é visto, objetiva e interpela o sujeito colonizado, de forma que corrige sua identidade em relação ao inspetor. A importância do ‘fitar’ tem sido enfatizada por Lacan, [...] esse ‘olhar’ corresponde ao ‘olhar’ do *grand autre* dentro do qual a identificação, a objetivação e sujeição dos sujeitos são simultaneamente decretadas: o olhar imperial define a identidade do sujeito, objetiva-o dentro do sistema de identificação das relações de poder e confirma a sua subalternidade e impotência.

¹³ [ela] sentiu a manhã, palpável, profundamente fria agarrada contra seus olhos.

¹⁴ Ela lembrou-se que no verão, se pendurava em cachos de flores brancas como cristais.

standing at the next clump of trees”¹⁵ (GORDIMER, 2002, p. 294).

O encontro entre o colonizador e o colonizado sempre gera um conflito cultural, um *clash* ideológico, que fabrica imagens preexistentes entre eles – a superioridade étnico-cultural de um, em detrimento da inferioridade de outro. Além disso, surgem analogias com conhecidos personagens que remetem à inocência e à selvageria: Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau.

In the initiation story with the girl's journey between veld and forest to some distance [...] Red Riding Hood – like she carries the parcel like the pot of butter and the oatcakes baked by the girls' mother. As in tales, obstacles or opponents interfere with her course: the native is like a wild beast opening its terrible mounth to swallow her.¹⁶ (VERLEY, 1998, p. 35)

Se o texto de Gordimer propicia uma leitura do conto de fadas dos irmãos Grimm, a partir da subversão da leitura pós-colonial, a autora, quando descreve o nativo e seu “red wollen cap”, inverte a possível imagem preestabelecida, de que a jovem menina inglesa que se perde no bosque seria a inocente Chapeuzinho Vermelho e o negro nativo o selvagem lobo (*wild beast* – GORDIMER, 2002, p. 296). Tal subversão pode inverter a construção do ‘Outro’ e ‘outro’. Afinal, “[...] the line that separates inside and outside, the ‘self’ and the ‘other’ is not fixed but always shifting” (LOOMBA, 1998, p. 64).¹⁷

No encontro dos dois personagens fica claro que a visão de alteridade entre ambos parte da jovem branca, não do nativo, afinal “He was standing with his back toward her”¹⁸ (GORDIMER, 2002, p. 295). Além disso, o narrador onisciente deixa claro a falta de interesse do negro pela jovem: “looked beyond her, without a flicker of interest, as a cow sees you go”¹⁹ (GORDIMER, 2002, p. 295).

A aproximação de ambos, contudo, rompe um paradigma muito forte no regime de *Apartheid*, pois aquele seria um encontro normal outrora. Naquele ponto ‘she was nearer to him’ – a garota branca inglesa e o negro nativo estavam sob as leis do ‘liminal space’ (BHABHA, 1994).

This term derives from the word ‘limen’, meaning threshold, a word particularly used in psychology to indicate the threshold between the sensate and the subliminal, the limit below which a certain sensation ceases to be perceptible. The sense of the liminal as an interstitial or in-between space, a threshold area, distinguishes the term from the more definite word ‘limit’ to which it is related [...] (ASHCROFT et al., 1998, p. 117, grifos do autor).

Tais leis são preestabelecidas para ambos quanto à superioridade do branco e à inferioridade do negro, como se refere Bhabha: “the liminal space, a pathway between upper and lower areas, each of which was annotated with plaques referring to blackness and whiteness”²¹ (BHABHA, 1994, p. 4), ainda mais em uma África do Sul racista.

Entretanto, tal contato celebrado por Gordimer é uma tentativa de romper, por meio do texto pós-colonial, a diferença segregacionista entre brancos e negros, principalmente quando se observa o trecho: “She was level with him”²² (GORDIMER, 2002, p. 295). Aqui, os pressupostos do branco colonizador sujeito/‘Outro’ em detrimento do negro objeto/‘outro’ são rompidos, mas não anulam as constantes ambivalências do conto, reforçadas pela relação ‘outro/Outro’:

The liminal can become a space of symbolic interaction. That is, the stairwell, the liminal, prevents identities from polarizing between such arbitrary designations as ‘upper’ and ‘lower’, ‘black’ and ‘white’. In a sense one could say that post-colonial discourse itself consistently inhabits this liminal space, for the polarities of imperial rhetoric on one hand, and national or racial characterization on the other, are continually questioned and problematized.²³ (ASHCROFT et al., 1998, p. 117-118)

O encontro só é possível em um espaço chamado por Pratt (1992) de ‘zona de contato’, que seria o grande espaço onde culturas díspares se encontram. No conto, o bosque torna-se o microcosmo de uma África do Sul hostil, um espaço social onde “[...] culturas diferentes se encontram, lutam, interagem através de relacionamentos altamente assimétricos de dominação e de subordinação” (PRATT, 1992, p. 4). Na zona de contato é que as imagens antitéticas do colonizador e do colonizado se constroem. A partir do fluxo de

¹⁵Havia um nativo em pé, em uma touca de lã vermelha, próximo a um conglomerado de árvores.

¹⁶No início da estória, com a jornada da menina entre a estepe e floresta para algum lugar [...] assim, como a Chapeuzinho Vermelho que carrega o pacote com o pote de manteiga e os bolinhos de aveia, cozidos pela mãe da garota. Como nos contos de fada, os obstáculos ou adversários interferem em seu curso: o nativo é como uma besta selvagem, abrindo sua terrível boca, a fim de engoli-la.

¹⁷[...] a margem que separa o interno do externo, o ‘ser’ e o ‘outro’ não é fixa, mas sempre mutante.

¹⁸Ela estava com suas costas viradas contra ela.

¹⁹Olhou para além dela, sem um pinga de interesse, da mesma forma que uma vaca a observaria passar.

²⁰Este termo deriva da palavra ‘limen’, que significa limite; uma palavra especial utilizada na psicologia para indicar o limite entre o sentido e o subliminar, o limite abaixo do qual certa sensação deixa de ser perceptível. O sentido liminal como intersticial ou o entre-lugar, como uma área limite, distingue-o a partir da palavra que define ‘limite’, ao qual está relacionada [...].

²¹Espaço liminal é o percurso entre o superior e o inferior, o qual cada um fora construído com placas referentes à negritude e à brancura.

²²Ela estava no mesmo nível que ele.

²³O espaço liminal pode tornar-se um espaço de interação simbólico. Ou seja, a escada, o liminar impede as identidades de polarização entre as denominações arbitrárias como ‘superior’ e ‘inferior’, ‘preto’ e ‘brancos’. Em certo sentido, pode-se dizer que o discurso pós-colonial consiste em habitar este espaço liminal, para que as polaridades da retórica imperial, por um lado, e a caracterização nacional ou racial de outro, sejam constantemente questionadas e problematizadas.

consciência da garota, a caracterização do nativo é de suma importância para o processo de outremização e a divisão entre o mundo do ‘Outro’ e do ‘outro’.

[...] uma das pernas da calça foi arrancada acima do joelho, e a negrura da perna e do calcanhar nu mostraram uma peculiar morbidez, uma camada preta causada pelo frio [...] os olhos estavam vermelhos como se ele não tivesse dormido por um longo tempo e o forte cheiro de suor queimava as narinas dela [...] ele tinha apenas um pano sujo – parte de uma camiseta velha?²⁴ (GORDIMER, 2002, p. 295)

As características do homem são construídas a partir da perspectiva da branca europeia, as quais concorrem para a outremização do negro sul-africano.

A caracterização literária do nativo como personagem, em uma perspectiva pós-colonial, é uma crítica da autora à condição que estes indivíduos se encontram a partir da colonização. O calcanhar rachado e ferido, as calças rasgadas, a camisa descrita como um pedaço de pano sujo, os olhos vermelhos e o forte cheiro só reforçam a má qualidade de vida de um homem que outrora fora cidadão.

Mas aquele sujeito outremizado, um construído da visão imperial simbolizada por uma mulher do império estava lançado à alteridade, representante de uma população majoritária na época (90% da população sul-africana na época do *Apartheid* era de negros). A diferença entre ambos estava marcada. A garota olhava suas mãos e desejava “[...] wash them as soon as she got there”²⁵ (GORDIMER, 2002, p. 295). Naquela situação o colonizador reflete uma antiga mentalidade colonial na África do Sul: a de não entrar em contato físico com os negros. A protagonista sente um alívio ao observar suas mãos e ainda estarem limpas – “Unless her hands were quite clean”²⁶ (GORDIMER, 2002, p. 295). Entretanto, a palavra *clean* é uma clara referência à brancura, isto é, o contato com colonizados negros poderia ameaçar a pureza étnica cultural do colonizador. Afinal, no processo de objetificação e outremização do negro no *Apartheid* da África do Sul tudo gira em torno da cor da pele.

Fanon (1970) conceitua o fetiche nas relações raciais, pois a pele se torna a chave, a imagem metonímica da diferença. A partir dela, o branco idealiza conceitos e discursos objetificadores – tal relação é chamada por Fanon de ‘esquema epidêmico’. O medo do ‘Outro’ branco em relação

ao ‘outro’ negro é o fator chave na construção da diferença. Observamos a valorização do medo no trecho seguinte: “For a moment it was Fear itself that had her [...] not fear of the man [...] but Fear absolute, abstract”²⁷ (GORDIMER, 2002, p. 295). A palavra *Fear* (medo) com letra maiúscula representa a personificação do medo, mas não do medo do sujeito em si, como a próprio narrador revela, mas do que ele representa socialmente naquele contexto sul-africano: Ser negro.

Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (1970), exemplifica em uma passagem a questão da alteridade, baseada apenas na ‘cor’ da pele: “Veja, um negro [...] mamãe, olha o negro! Tenho medo. Medo” (FANON, 1970, p. 69). O medo que a criança branca tem do negro no texto de Fanon é o mesmo medo da jovem branca, um medo construído pela ideologia hegemônica europeia acerca do diferente, do que não é europeu. O homem negro, em *Is there nowhere else where we can meet*, representa o perigo, não o individual, mas o perigo de uma África e de uma etnia selvagem. Tal ideologia recebia no *Apartheid* o termo *Swart Gevaar* – o perigo negro (BRANFORD; CLAUGHTON, 2002, p. 212).

Para o colonizador, o grande perigo em manter contato com o colonizado era o de se “tornar como um colonizado”, isto é, *going native*. O termo *going native* é usado para se referir ao fenômeno que poderia tornar os colonizadores europeus na África, em especial, seres ‘profanados’ por assimilação da cultura e dos costumes dos povos autóctones. Temiam até mesmo a mudança étnica que poderiam sofrer ao manter contatos físicos. Esse sentimento de inferioridade causado pela presença de um nativo, nivelado, frente a frente é claramente observado no trecho: “[...] she could not have been reduced to less than she was now”²⁸ (GORDIMER, 2002, p. 296).

Nunca esteve tão perto de um negro, e não bastasse fora tocada por um: “His hand clutched her shoulder”²⁹ (GORDIMER, 2002, p. 296). Aqui, o clímax do conto revela a quebra do paradigma do sistema de segregação e a tensão da narrativa é facilmente percebida pelas reações psicoemocionais da jovem branca. Afinal, foi a partir de sua visão eurocêntrica que o rapaz negro é lançado à alteridade, daí os motivos de seu descontrole emocional – “The smell of him choked her [...] her teeth chattered” (GORDIMER, 2002, p. 296)³⁰.

²⁴ [...] his one trouser leg was torn off above the knee, and the Black of the naked leg and half-turned heel showed the peculiarly dead, powdery Black of cold, [...] the eyes were red, as if he had not slept for a long time and the strong smell of old sweat burned at her nostrils [...] he had only a filthy rag – part of an old shirt?

²⁵ Lavá-las [as mãos] assim que saísse dali.

²⁶ Pelo menos, suas mãos estavam limpas.

²⁷ Por um momento, ela tinha um Medo [...] não um medo do homem [...] mas, um Medo absoluto, abstrato.

²⁸ Ela não poderia ser reduzida além do que estava agora.

²⁹ A mão dele apertou o ombro dela.

³⁰ O cheiro dele a chocou [...] os dentes dela rangeram.

Apesar das claras diferenças étnicas, culturais e sociais entre colonizadores e colonizados, a diferença sempre parte do colonizador em detrimento do colonizado, isto é, o discurso colonial sempre se baseia no ‘eles (os colonizados) são diferentes de mim (colonizador), e nunca o contrário’. No conto, justamente pelo fato de a alteridade ser construída pela jovem (construção do ‘outro’ pelo ‘Outro’), o ataque físico e violento parte dela: “[...] wildly she battered him with her head, broke away [...] she ran. She ran and ran [...]”³¹ (GORDIMER, 2002, p. 296).

Ao correr deixa seus pacotes caírem e freneticamente tenta sair desse espaço liminal e alcançar o *other side* (GORDIMER, 2002, p. 297). Do outro lado, havia uma cerca e uma rodovia, claras metáforas da divisão de mundos promovida pelo sistema racista colonizador. Passando pela cerca de arame farpado, o texto de Gordimer aborda metaforicamente a transição do ambiente ‘selvagem’ (construído pelo discurso colonizador) ao ambiente ‘civilizado’ (também um construto discursivo): “[...] but her coat got caught on a barb, and she was imprisoned there, bent in half”³² (GORDIMER, 2002, p. 297).

Tal assertiva é revelada no trecho “And she was out” seguido de vários símbolos imperiais, como “gardens, postboxes, a child’s swing”³³ (GORDIMER, 2002, p. 297), elementos próprios de um local habitado pelos brancos invasores.

A partir daqui, frente a um portão (*gate*), palavra esta recorrente na narrativa por se tratar de um símbolo metonímico da segregação, a jovem branca inicia um diálogo interior, resultante de toda ação – desde a construção e objetificação do nativo, passando pelo conflito físico e sua saída do espaço liminal. Seus questionamentos revelam uma ambivalência textual que gira em torno de uma alteridade criada na pseudosuperioridade. Quando questiona “[...] why did I fight for? Why did I give him the Money and let him go?” (GORDIMER, 2002, p. 297)³⁴, o leitor pode ter duas interpretações: o preconceito referenciava-o como um marginal e a luta apenas a colocaria no mesmo patamar silvícola deste, uma vez que era tabu na África do Sul colonial tocar um negro. A certeza de que, embora o homem negro não estivesse fazendo nada que implicasse um possível ataque, ele iria roubar, é uma clara alteridade. Ou antes, que estas perguntas da jovem poderiam levá-la a uma situação de culpa e à certeza de que a invasora, ou o perigo ali, seria ela mesma. O porquê de não entregar o dinheiro

poderia implicar a ideia de que seu dinheiro e pacote seriam o mínimo que poderia ofertar ao nativo, frente à usurpação e ao roubo que seu grupo, os brancos europeus, causara aos verdadeiros donos daquela terra. Nessa segunda interpretação, a culpa falaria mais forte que a ideia de superioridade, gerando o silêncio (não a denúncia).

Em *O processo de subjetificação das personagens femininas em Disgrace* (1999), de J. M. Coetzee, Oliveira (2008) nos revela que Lucy, personagem do romance, ao ser estuprada por três jovens negros na África do Sul, sob o regime de *Apartheid*, está intimamente ligada à garota do texto de Gordimer: uma branca que se recusa a denunciar a violência oriunda dos negros nativos. Uma recusa que colocaria na balança não os conceitos de culpa ou de intolerância, mas os de cunho étnico e sexual:

Pois, atitude semelhante a da personagem Lucy pode ser notada no conto *Is there nowhere else where we can meet?* (1984), da escritora sul-africana Nadine Gordimer, no qual a moça branca do conto se recusa denunciar o furto cometido pelo negro maltrapilho devido à conscientização da exploração que os negros foram submetidos. [...] Neste sentido, estaria Lucy tentando reparar uma história de maldades, se colocando no lugar do negro e conseqüentemente experimentando a dor que lhe foi causada pelo europeu? (OLIVEIRA, 2008, p. 126).

Assim, como em *Is there nowhere else where we can meet*, o crime praticado contra a personagem Lucy, no romance de Coetzee torna-se, segundo Oliveira (2008),

[...] uma forma cruel de demonstração de poder, de quem é que realmente é a autoridade neste novo contexto sul-africano, já que se trata da violação de uma mulher branca por homens negros. (OLIVEIRA, 2008, p.125)

A metáfora da ‘não denúncia’ é o silenciamento que representa, o declínio da raça branca até então considerada superior e a ascendência da raça negra. A recusa de Lucy, de *Disgrace* (1999) em expor sua experiência traumática só reforçaria a ideia de ação e reação frente ao sistema de invasão colonial – que direitos teriam os invasores europeus? Lucy ou a personagem de Gordimer teriam autoridade de denunciar um ataque, já que elas não deveriam estar ali? Afinal, “[...] não é a história dela[s] que se espalha mas a deles. Eles são os donos” (COETZEE, 2000, p. 133).

Talvez *Is there nowhere else where we can meet?* traga uma questão primaz para reflexão resultante da conscientização do mal que a colonização, objetificação e outremização podem trazer.

³¹[...] De modo selvagem, ela bateu nele com a cabeça, e se foi [...] ela correu. Ela correu e correu [...]

³²[...] mas seu casaco ficou preso no gancho da cerca, e ela estava presa ali, dobrada ao meio.

³³Jardins, caixas de correio e um balanço infantil.

³⁴Pelo o que eu lutei? Por que eu dei o dinheiro a ele e o deixei ir?

Conclusão

Is there nowhere else where we can meet?, da escritora sul-africana Nadine Gordimer, é um conto que denuncia a segregação racial na África do Sul pós-colonial. A história, que gira em torno de uma moça branca, um 'furto' cometido por um nativo negro maltrapilho e a conscientização da exploração a que os negros foram submetidos, acaba trazendo à tona quem é quem no discurso colonial.

O desfecho inesperado, revelado pela não denúncia do ataque, leva-nos a vários questionamentos acerca das ambivalências no sistema de colonização. A reflexão sobre culpa, autoridade e supremacia se desloca quando uma branca se sente atacada por um negro, em uma terra que pertence a ele, e não a ela. Tais reflexões apontam para concluirmos que o conto de Nadine Gordimer é um modo de denunciar a representação da alteridade. O *Apartheid* como pano de fundo só reforça o discurso colonial, que teve como alicerce a origem racial para concentrar a construção do colonizado/nativo sob conceitos como degenerado, primitivo, lascivo, perigoso etc., justificando, assim, a conquista e estabelecendo o controle local sobre os que ali viviam antes (BHABHA, 1994, p. 184). Desse modo é que as literaturas pós-coloniais buscam desconstruir, denunciar e lançar por terra as noções de invasão, diferença, selvagem e civilização.

Referências

- ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Keyconcept in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.
- BAZIN, N. T.; SEYMOUR, M. D. **Conversations with Nadine Gordimer**. Jackson, London: University Press of Mississippi, 1990.
- BEERTENS, H. **Literary theory**. London: Routledge, 2001.
- BHABHA, H. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.
- BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, v. 19, n. 1, p. 7-23, 1998.
- BONNICI, T. **O pós-colonialismo: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, T. **Conceitos chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.
- BRANFORD, W.; CLAUGHTON, J. S. Mutual lexical borrowings among some languages of southern Africa: Xhosa, Afrikaans and English. In: MESTHIRIE, R. (Ed.). **Language in South Africa**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- COETZEE, J. M. **Desonra**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Outra Gente: Fator, 1970.
- GORDIMER, N. Is there nowhere else where we can meet. In: BONNICI, T. (Ed.) **Short stories: an anthology for undergraduates**. 2. ed. Maringá: Sthampa, 2002. p. 294-298.
- LOOMBA, A. **Colonialism/post-colonialism**. London: Routledge, 1998.
- MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- OLIVEIRA, A. A. G. **O processo de subjetificação das personagens femininas em *Disgrace* (1999), de J. M Coetzee**. 2008. 161f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá: [s.n.], 2008.
- PARRY, B. Problems in Current theories of colonial discourse. **Oxford Literary Review**, v. 9, n. 1-2, p. 27-58, 1987.
- PRATT, M. L. **Imperial eyes: Travel writing and transculturation**. London: Routledge, 1992.
- SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SPIVAK, G. C. Subaltern studies: deconstructing Historiography. In: **In other worlds**. New York: Methuen, 1987.
- THOMPSON, L. **A history of South Africa**. 3rd ed. Cambridge: Yale University Press, 2001.
- VERLEY, C. **Lectures critiques en anglais**. A guide to the critical reading of fiction English. Université de Poitiers. Paris: Ophrys, 1998.
- WELSH, F. **South Africa: a New York**. Kodansha America, 1999.

Received on January, 21, 2011.

Accepted on April, 13, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.